

Caribe

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA
BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

NOVA SÉRIE
BELÉM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA

N.º 25

MARÇO, 8, 1965

FONOLOGIA MÁKU (*)

ERNESTO MIGLIAZZA

INTRODUÇÃO

A língua Máku (1) dos rios Uraricuera e Uaris, Território Federal de Roraima, figura entre as línguas do Brasil classificadas como "isoladas". A classificação baseia-se somente em uma pequena lista de vocábulos, colhidos por Koch-Grünberg (2), no princípio deste século, lista insuficiente para uma análise comparativa. Atualmente a língua Máku — que não deve ser confundida com a dos Makú (Puináve), dos rios Negro e Japurá ou com a dos Macó-Piaroa (Saliva), do baixo rio Ventuari (Venezuela) — está em processo de extinção, contando somente com três falantes.

A maioria dos dados deste trabalho foi coletada durante uma excursão aos Máku, promovida pelo Museu Paraense Emílio Goeldi, em março-abril de 1964. A análise fonológica baseia-se em 629 frases e palavras (3) registradas foneticamente e triplicadamente gravadas, junto com cinco textos mitológicos,

(*) — Pesquisa realizada sob os auspícios do Museu Paraense Emílio Goeldi.

(1) — Para os nomes tribais mencionados neste trabalho, o autor usa a grafia proposta pela 1.ª Reunião Brasileira de Antropologia (Rio, 1953) e publicada na Revista de Antropologia, Vol. 3, n.º 2, São Paulo, 1955.

(2) — Koch-Grünberg, 1917, Tomo IV. Nos seus dias pré-fonêmicos Koch-Grünberg registrou uma pequena lista de vocábulos Máku diferenciando mais fonemas do que era necessário. Outra pequena lista de palavras Máku (inédita), foi coletada pelo Marechal Rondon (m.s.).

(3) — Formulário dos vocabulários padrões para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras (Museu Nacional).

em fitas magnéticas pelo autor e depositadas na Divisão de Antropologia do referido Museu. Os informantes, Sinfrônio e Maria, irmãos de aproximadamente 45 e 50 anos de idade, quase bilíngües Máku-Português, trabalham como ajudantes na fazenda Boa Esperança, rio Uraricuera nas proximidades da ilha Maracá.

A área percorrida pelos Máku nos últimos 200 anos (4) compreende os vales do rio Uraricuera, alto rio Orinoco na Venezuela e cordilheira Parima. Excetuados alguns planaltos de vegetação campestre das serras Parima, é uma região coberta por floresta tropical (5).

Os Máku contam que seu *habitat* tradicional era a serra /maluwaka/ (6) “samaúma”, entre o alto rio Padamo e rio Cunucunuma, afluentes do alto rio Orinoco (Venezuela), onde viviam essencialmente de caça e coleta. Antes de emigrar para o norte, aprenderam a cultivar mandioca /mexikü/, e a fazer canoas /kudyalu/. Da região da serra Maluwaká espalharam-se para o nordeste, provavelmente por causa da invasão das tribos Xirianá (7) do sudeste, até atingirem o alto rio Ventuari e entrando em contato quase permanente com os Mayongong (8) (Karib).

Os rios mais navegados pelos Máku, nos dois séculos passados, eram: alto Orinoco /ulinyaku/, canal Casiquiare /katsitsyali/, Padamo /padamu/, Mataruni /mataluni/, Merevari

(4) — Informações diretas de informantes Máku, Xirianá, Mayongong e Makuxí; também conclusões tiradas das obras dos primeiros exploradores do rio Branco e do rio Negro: os Carmelitas em 1725; Xavier de Andrade em 1740; Sampaio (1825) em 1774; Rodrigues Ferreira (1885) em 1785; Lobo de Almada (1861) em 1787; Humboldt em 1799; Schomburgk (1841 e 1841-a) em 1835, e Koch-Grünberg (1906). Os Máku, desde 1700, não eram conhecidos nos afluentes norte do alto rio Negro, mas o eram no rio Uraricuera.

(5) — Murdock (1951) inclui esta região na área cultural “savana” ainda que seja coberta de floresta.

(6) — As palavras entre barras oblíquas são da língua Máku e escritas foneticamente, e aquelas entre colchetes são escritas foneticamente. Para a pronúncia ver mais adiante: Fonologia Máku.

(7) — Recentemente, a família lingüística Xirianá foi designada também com o termo Yanonami. Inclui as tribos comumente chamadas Xiriâna, Waiká, Guaiká, Guaharibo, Xamatarí, etc.

(8) — Conhecidos na Venezuela como Maquiritare.

/malewali/ e alto Paragua /balawa/ na Venezuela; Uaris /awali/, Aracasá /alakasa/, Uraricuera /palāyma/, Uraricaá /kulali-ka/ e furo Maracá /malaka/ no Brasil. Os Mayongong são chamados pelos Máku /dakwana/, e pelos Xirianá /pawana/, palavras que têm o sentido de "bons patrões" ou "boa gente". Os contatos Mayongong-Máku foram sempre amistosos, mas o mesmo não ocorria nos contatos Xirianá-Máku. Os Xirianá causaram a emigração dos Máku primeiro para o nordeste e em seguida, provavelmente antes do século passado, para leste além das serras do sistema Parima no vale dos rios Uaris e alto Uraricuera. Estes rios eram naquele tempo (1700) ocupados pelos Karib: Mayongong proveniente do nordeste; Taulipang do norte e nordeste; Waimará, Saporá, Makuxí do leste. Havia também Wapitxâna (Aruak) no baixo Uraricuera, e Xirianá no Mucajaí. A invasão Xirianá proveniente do sul (entre Rio Branco e Rio Negro), não somente deslocou os Máku, mas também parou, em modo geral na área do Uraricuera, o movimento norte-sul dos Karib.

Os Máku viajavam regularmente do rio Uaris e alto Uraricuera para o baixo Uraricuera até o rio Branco para trocar seus artefatos com os Karib e "civilizados". No princípio deste século, subseqüentes incursões hostis e ataques de tribos Xirianá (Wayka "gente que não planta", Guaharibo, etc.) forçaram os Máku a mudar pouco a pouco o seu *habitat* rio abaixo. Foi em consequência desses ataques que algumas mulheres e crianças Máku foram incorporadas às tribos Xirianá da região.

O local de uma das maiores malocas Máku do fim do século passado e princípio deste, era a cachoeira Tocoxima /tukuximã/ "caminho de bôto", no alto rio Uraricuera, perto da boca do rio Uaris. Entre 1920-1930, havia malocas a uns 60 km abaixo da boca do rio Aracasá no alto Uraricuera, e também um acampamento na altura da cachoeira Kulekuleima, 75 km acima da ilha Maracá. No princípio do decênio de 1930, os Kasrapai "lábio comprido" (Xirianá do médio rio Mucajaí) atacaram e exterminaram os moradores Máku e Mayongong da cachoeira Kulekuleima, levando para o Mucajaí algumas crianças e mulheres jovens, quatro das quais estão ainda vivas.

Dois anos mais tarde, mercê das doenças e ameaças dos Xirianá, os últimos Máku do alto Uraricuera desceram, uns o rio em sete canoas até o furo Maracá e estabeleceram-se perto da cachoeira Alakalé /alakale/ “peixe Pirandirá”, constituindo o último aldeamento Máku autóctone cuja comunidade era ainda “isolada” (9); e outros subiram em duas canoas o rio Uaricaá, onde passaram a ser incorporados aos /Aywatâteri/ “moradores da serra Aywatâ”, tribo Xirianá do rio Uaricaá (10).

A poucos quilômetros, rio abaixo da última aldeia Máku, do furo Maracá, achava-se a frente pioneira nacional. Em poucos anos, o contato com a “civilização” causou, por força da gripe, “tosse guariba” e conseqüentes complicações, a morte de quase todos os adultos da aldeia. Os órfãos (por intermédio do responsável pelo S.P.I.) foram criados, juntos aos Makuxí (Karíb), pelos moradores das fazendas Boa Esperança e Santa Rosa, passando conseqüentemente de uma economia de caça e coleta para uma de tipo pastoril.

Em março de 1964, foram achados dez descendentes Máku no Território Federal de Roraima, dos quais somente três falam a língua Máku. Os Mayongong do alto Uaris e Ventuari assim como os Xirianá informam que não há mais Máku na Venezuela. Nas suas aventuras Gheerbrant (1952) menciona os Macú e Dupowy (1954) os mostra no seu mapa, mas é provável que se refiram aos Macó do baixo rio Ventuari já mencionados em 1799 por Humboldt (Macgillivray, 1836:240) relacionados com os Piaroa como o mostra J. Wilbert (1963) em seu trabalho. Há alguns descendentes Máku em outras tribos Xirianá e Mayongong, não mencionados nesta relação que segue porque não falam a língua *mater* e estão completamente incorporados às culturas Xirianá ou Karíb. (V. Quadro)

Julgando por alguns traços culturais dos antigos Máku do alto rio Uraricuera, descritos pelos informantes, antes de 1953 os Máku poderiam ter sido enquadrados dentro da área cultural Norte-Amazônica, Núcleo B, segundo a divisão de Galvão (1960).

(9) — Usando as mesmas categorias de Ribeiro, 1957.

(10) — Cf. Migliazza, 1964.

Tangas /temukute/ (para mulheres) de algodão e miçangas do tipo Karíb, medindo cerca de 30 cm de largura e 40 de altura. Rêdes de dois tipos, de cipó, usadas durante as viagens, e de algodão na maloca, sendo possível que o algodão fosse influência Karíb. A rede em geral é chamada /tsilaka/ que significa "cipó". A técnica do trançado era "torcido" (twined); as cestas mais usuais eram aquelas para transporte de carga /dule/ de forma globular com 40 a 50 cm de diâmetro e 60 de altura. As malocas /mine/ eram de planta circular ou oval (perto de 20 m de diâmetro), teto cônico e paredes de estacas e, em alguns casos, de taipa como os Mayongong (11). Internamente as famílias nucleares eram dispostas em círculo acompanhando a parede. A cerâmica limitava-se a panelas de barro /buntsi/. As canoas constituíam-se de um só tronco escavado e aberto com fogo. Plantavam mandioca, banana, cará, batata doce, abacaxi e fumo. Usavam tipiti para espremer a massa ralada de mandioca, mas o ralador era escambado com os Mayongong. Caçavam com arco e flecha, conheciam a zarabatana originária dos Mayongong. Pescavam com anzol, flecha e veneno. Enterravam os mortos amarrados nas próprias rêdes e postos dentro da cesta de carga (12).

O sistema de numeração na língua Máku aproxima-se do sistema usado pelos seus vizinhos Karíb (13). Há termos para os números um, dois, três, quatro, sendo "u'a mão" cinco, "duas mãos" dez, "duas mãos e dois pés" vinte.

Termos de Parentesco

/ba?tsi/	pai do pai, pai da mãe, irmão da mãe, marido da irmã da mãe, marido da irmã do pai
/ba?ba/	mãe do pai, mãe da mãe, irmã do pai, esposa do irmão do pai, esposa do irmão da mãe

(11) — Como se nota nas fotografias de Hamilton Rice em 1924. (Cf. Rice, 1937).

(12) — Enquanto que os vizinhos Karíb (Mayongong e Makuxí) não enterravam os mortos, os Xirianá os queimavam.

(13) — Diferente do sistema dos Xirianá que tem somente um, dois, mais um, menos um e muito.

/me/	pai, irmão do pai
/nu/	mãe, irmã da mãe
/kanaba/	pai da espôsa ou do espôso, mãe da espôsa ou do espôso
/bu?ne/	espôsa
/ba?leke/	espôso
/nana/	irmã (ego masc. e fem.)
/ne?mu/	irmão (ego masculino)
/wada/	irmão (ego feminino)
/wane/	marido da irmã, marido da irmã da espôsa ou do espôso, irmão do espôso ou da espôsa
/na?i/	espôsa do irmão, irmã do espôso ou da espôsa, espôsa do irmão do espôso ou da espôsa
/tane/	filhos do irmão ou irmã, filhos do irmão do pai ou da irmã da mãe, filhos do irmão do espôso ou irmã da espôsa
/naba/	filhos

O sistema de parentesco apresenta quatorze termos vocativos dos quais nove são de tipo classificatório e dois, /nana/ “irmã”, /ne?mu/ “irmão” são recíprocos. A terminologia de parentesco Máku é do tipo “fusão bifurcada”. Ainda que os termos para designar os primos paralelos não sejam idênticos aos dos irmãos, como no tipo Iroquês, o *ego* não pode casar com /tane/ “primos paralelos”, /nana/ “irmã” e /wada/ “irmão — ego feminino”, mas pode casar com os primos cruzados que são chamados pelo próprio nome.

Raramente a irmã da mãe é chamada também /tsümna/. Os filhos são chamados /naba/ até uns dez anos de idade, depois são chamados /sakana/. Os termos /me/ “pai” e /nu/ “mãe” são usados somente como vocativos, como nomes de re

ferência usa-se /lu:ke/ para pai e /u:ne/ para mãe. O morfema /-taka/ "pequeno" pode ser empregado com sufixo nos termos /nana/ e /ne?mu/ para designar irmã mais nova ou irmão mais novo.

FONOLOGIA

Fonemas (14)

A unidade do nível mais baixo da hierarquia fonológica Máku é o fonema. Fonemas ocorrem nos momentos ascendentes e descendentes da sílaba (consoantes) e também como ápice da sílaba (vogais).

As quinze consoantes, da língua Máku, distinguem-se entre si por dez traços articulatórios, sendo cinco de posição na boca e cinco de modo de articulação. As posições articulatórias são: bilabiais, alveolares, alveopalatais, velares e glotais. Os modos de articulação são: oclusivos (surdos, sonoros e complexos), fricativos, laterais, nasais e semi-vocálicos. Estes traços combinam-se dando os seguintes fonemas:

p	t	k	ʔ
b	d		
	ts		
	s	x	h
	l		
m	n		
w	y		

As consoantes acima são dispostas verticalmente quanto ao ponto de articulação e horizontalmente quanto ao modo de articulação.

/p/ oclusiva bilabial surda com um só alofone [p], sua distribuição é limitada ocorrendo somente antes de /i/, /e/, /a/ e raramente antes de /u/; /pate/ [pa:té] *êle anda*.

(14) — Para definição dos termos lingüísticos, citados neste trabalho e não definidos no mesmo, cf. Câmara Jr., 1959.

/b/ oclusiva bilabial sonora com um só alofone [b],
/ba?ta/ [ba?tá] *dois*.

/t/ oclusiva alveolar surda [t], ocorre antes de /e/, /a/,
/u/ e raramente antes de /i/, /tate/ [taté] *eu ando*.

/d/ tem três alofones, [ɖ] oclusiva alveolar sonora retro-
flexa diante de vogal posterior arredondada /u/, [dʲ] fricativa
interdental sonora diante de vogal baixa central /a/, [d] oclu-
siva alveolar sonora em outros ambientes, /dute/ [ɖu:té] *língua*,
/oda/ [o:d'a] *êle*, /demu/ [de:mó] ou [de-mú] *fôlha*.

/k/ oclusiva velar surda [k], /kute/ [ku:té] *cabelo*.

/ʔ/ oclusiva glotal [ʔ] /dü?ü/ [dü?ü] *anta*.

/ts/ oclusiva complexa, tem três alofones em distribuição
complementar, [t͡ʃ] africada alveopalatal surda quando prece-
de /i/, /ü/ e raramente /ĩ/, [dz] africada alveolar sonora (15)
em início de palavra diante de vogal posterior arredondada /u/
ou em meio de palavra depois de /n/, [ts] africada alveolar
surda nos outros ambientes, /metsi/ [me:t͡ʃi] *flor*, /tsu?wi/
[dzo?wí] *cachorro*, /tsene/ [tse:né] *nos*.

/s/ fricativa alveolar surda [s], /isa/ [i:sá] *fígado dêle*.

/x/ fricativa alveopalatal surda [ʃ], /xixa/ [ʃi:šá] *can-
tando*.

/h/ tem dois alofones, [xʰ] fricativa pré-velar surda dian-
te de /i/, [h] fricativa glotal surda em todos os outros ambien-
tes, /kahina/ [kax'ína] *comprido*, /mihuna/ [mihúna] *frio*.

/m/ nasal bilabial sonora [m], /amu/ [a:mú] *osso*.

/n/ nasal alveolar sonora [n], /na?me/ [na?mé] *água*.

/l/ lateral alveolar sonora [l], /luna/ [lo:ná] *cobra*.

/w/ semi-vogal, tem três alofones assilábicos [ü] vocóide
anterior alto arredondado em início de palavras diante de /i/.
[bʰ] fricativa bilabial sonora em início de palavra diante de
/a/, [u] vocóide posterior alto arredondado nos outros ambien-
tes, /wike/ [üi:ké] *monte*, /wani-/ [bʰani-] *êle pensa*, /we?tsí/
[we?t͡ʃí] *prêto*.

(15) — O alofone [dz] ocorre somente em três exemplos; é possível que
antigamente fosse um fonema distinto, porém os dados que temos
à mão, agora, não mostram contraste nenhum.

/y/ semi-vogal, vocóide anterior alto não-arredondado assilábico [i], /waytse/ [wəytsé] *êles*.

O sistema vocálico Máku apresenta um contraste de altura e um de posição (anterior e posterior). As vogais altas contrastam também em arredondamento e não-arredondamento dos lábios. Conseqüentemente cinco traços articulatórios, sendo dois de posição (anterior e posterior) dois de altura e um de arredondamento dos lábios concomitante com a posição, distinguem seis vogais :

i	ü	ĩ	u	(mais o fonema de
e		a		nazalização / ˜ /)

As vogais são dispostas verticalmente de acôrdo com a posição na boca onde se realiza o impedimento, e horizontalmente conforme a altura de levantamento da língua.

/i/ vogal anterior alta fechada não-arredondada [i], /ine/ [i:né] *piolho*.

/ü/ vogal anterior alta fechada arredondada [ü] /küxa/ [kü:sá] *chupando*.

/ĩ/ vogal central alta fechada não-arredondada em variação livre com vogal posterior alta fechada não-arredondada [i], /sikilika/ [sikiliká] ou [sikilíká] *sentado*.

/u/ tem dois alofones, [o] vogal posterior média fechada arredondada em início de palavra ou precedida de /t/ ou /ts/, em outros ambientes varia livremente com a vogal posterior alta (aberta ou fechada) arredondada [u] /une/ [o:né] *mãe*, /netu/ [ne:tó] *rabo*, /ekatsu/ [èkatsó] *chifre dêle*, /bukulu/ [bòkoló] ou [bùkulú] *procurando caça*, /sukute/ [sùkuté] *ôlho*.

/e/ vogal anterior média fechada não-arredondada [e], em variação livre, no fim de palavra, com a vogal anterior média aberta não-arredondada [ɛ], /kete/ [ke:té] ou [ke:tɛ] *cabeça*.

/a/ tem dois alofones, [ɔ] vogal central média aberta não-arredondada ocorrendo somente em 4% das palavras quando em fala rápida e em sílabas não acentuadas, [a] vogal central-

-posterior baixa aberta não-arredondada em variação livre com [ə] em fala compassada, nenhum contraste em posição idêntica ou análoga foi encontrado, /basakate/ [basəkáté] ou [baskaté] *joelho*, /takana/ [təkáná] ou [təkəná] *pequeno*.

Exemplos para a separação dos fonemas orais, acima descritos, que contrastam em ambientes idênticos e análogos:

/p/ /b/	/pate/ <i>êle anda</i>	/ba?ta/ <i>dois</i>
	/lipina/ <i>faca</i>	/kabina/ <i>prêto</i>
/t/ /d/	/tikise/ <i>dá ... a mim</i>	/dikixa/ “aspecto continuativo”
	/bute/ <i>rio</i>	/büde/ <i>fumo, tabaco</i>
/ʔ/	/i?sa/ <i>aí</i>	/isa/ <i>fígado dêle</i>
	/bu?te/ <i>terra</i>	/bute/ <i>rio</i>
/ʔ/ /k/	/nu?u/ “plural”	/nukudante/ <i>cinco</i>
/b/ /w/	/bĩtsi/ <i>perna</i>	/wĩtsi/ <i>bôca</i>
/t/ /ts/	/tene/ <i>eu</i>	/tsene/ <i>nós</i>
/s/ /x/	/-sa/ <i>com</i>	/-xa/ “aspecto continuativo”
	/isa/ <i>fígado dêle</i>	/xixa/ <i>cantando</i>
/y/ /h/	/eyune/ <i>tua mãe</i>	/mihuna/ <i>frio</i>
/i/ /e/ /u/	/ine/ <i>piolho</i> /ene/ <i>tu</i>	/une/ <i>mãe (referência)</i>
/i/ /ü/	/wanixa/ <i>pensando</i>	/nüxa/ <i>voando</i>
/i/ /ĩ/	/kise/ <i>êle dá</i>	/kĩse/ “imperativo”
/ĩ/ /ü/	/kĩxa/ “continuativo classe kĩ”	/küxa/ <i>chupando</i>
/ĩ/ /u/	/sĩkite/ <i>intestino</i>	/sukute/ <i>ôlho</i>
/ü/ /u/	/küte/ <i>semente</i>	/kute/ <i>cabelo</i>
/a/ /u/	/batsi/ <i>perna dêle</i>	/butsi/ <i>mata, floresta</i>
/a/ /e/	/asake/ <i>hoje</i>	/seke/ <i>comer</i>

A nasalização / ~ / é fonêmica e ocorre com as vogais /ĩ/ /ẽ/ /ã/ /ü/ (16). Embora não encontrada com frequência, a fonemicidade da nasalização é evidente nos contrastes:

(16) — Com mais dados disponíveis, é provável que a nasalização ocorra com todas as vogais.

/we?e/ não dormir, versus /we?ẽ/ não durma! (imperativo).
/nyu-/ cortar versus /nyũ-/ bater.

As consoantes modificadas (palatalizadas e labializadas) são interpretadas, neste trabalho, como seqüências de duas consoantes, obedecendo assim ao padrão silábico CCV, C indicando uma consoante e V uma vogal. As consoantes palatalizadas e labializadas (17) incluem /py/ /by/ /ty/ /dy/ /tsy/ /ky/ /ny/ /ly/ /hy/ /kw/ /lw/. A nasal palatalizada /ny/ tem um alofone, nasal álveo-palatal sonora [ɲ] (18), em distribuição complementar, sendo [ɲ] somente diante de /u/ e [ny] em outros ambientes.

Um fenômeno de duração [:] não-fonêmico, ocorre com as vogais da língua Máku. As vogais longas são de menor duração que a seqüência de dois impulsos sonoros ou de duas vogais, e são também identificáveis como se mostrará mais adiante na parte "palavras fonológicas".

Frequência de ocorrência dos fonemas cada 100 palavras fonológicas:

	a	e	k	i	u	n	ts	d	l	t	m	s	b
%	81	60	43	42	39	30	24	22	20	19	18	17	16
	?	x	ũ	w	y	p	i	h	ã	ẽ	ũ	ĩ	
%	15	14	14	13	12	11	8	3	2	1	0,7	0,3	

Sílabas

O segundo nível da hierarquia fonológica Máku é a sílaba. Os padrões silábicos são cinco: V, VC, CV, CVC, CCV (19).

Os primeiros dois tipos de sílabas (V e VC) são de distribuição limitada, ocorrendo somente em início de palavra fonológica. Exemplos:

(17) — É possível que mais dados revelem mais consoantes modificadas.

(18) — O alofone [ɲ] podia ser interpretado também como alofone de /n/, ocorrendo [ɲ] antes de [u] e [n] em outros ambientes; mas esta interpretação complicava a explicação de [o] como alofone de /u/.

(19) — V indica vogal e C consoante.

/ikilu/ *caminho*, /ene/ *tu*, /antsuna/ *frieza*, /u?xi/ *outro*. A composição interna destas sílabas é também limitada, sendo a sílaba tipo V constituída de uma das vogais /i, e, a, u, ā, ū/. e a sílaba tipo VC de uma das vogais /i, e, a, u/, com uma das consoantes /n, ?/.

Os padrões silábicos CV, CVC, CCV, ocorrem em qualquer posição na palavra fonológica. Exemplos :

/dü?ü/ *anta*, /buntsi bu?te/ *panela de barro*, /wanaka/ *bicho*, /ekunspaxa/ *esfregando*, /nyūdiba/ *baterei em você*. O padrão CV ocorre mais freqüentemente do que os outros padrões. A casa C desta sílaba pode ser ocupada por tôdas as consoantes, e a casa V por tôdas as vogais; porém as seguintes seqüências não foram ainda observadas: /pü, pī, tī, sū, xī, hū, hī, nī, wū, yī, yū, yī/.

As seqüências tipo CV nas quais V é vogal nasalizada incluem :

/tā, ?ī, ?ē, ?ā, ?ū, hē, hā, mā, lā/; certamente há mais destas seqüências mas não foram ainda encontradas.

O tipo CVC é constituído internamente por tôdas as consoantes, menos /?/ e /h/ ocupando a casa C do momento ascendente, tôdas as vogais ocupando a casa V do ápice silábico (menos as nasais), e somente as consoantes /n/, /y/, /l/ e /?/ ocupando a casa C do momento descendente da sílaba.

A constituição interna da sílaba tipo CCV apresenta um grupo consonantal CC no momento ascendente da sílaba, constituído por consoantes modificadas acima mencionadas ou combinação de fricativas /s, x/ mais oclusivas /p, k/. O ápice silábico consta de uma das vogais /i, e, a, u, ū, ū/.

Não há grupo vocálico através das fronteiras silábicas; ocorrem porém grupos consonantais de duas e três consoantes. As seqüências possíveis entre fronteiras silábicas são : V-C, V-CC, C-C, C-CC.

Palavras Fonológicas (20)

As sílabas juntam-se formando palavras fonológicas no ter-

(20) — O termo "palavra fonológica" equivale a "Vocabulo Fonético" referido por Câmara Jr., 1959.

ceiro nível da hierarquia fonológica Máku. A palavra fonológica nem sempre coincide com a palavra morfológica.

A palavra fonológica Máku é individualizada pelo conjunto juntura-acento, e também, pela sua distribuição no grupo de pausa. As fronteiras entre palavras fonológicas atualizam-se em junturas externas abertas. Cada palavra é também caracterizada pelo acento primário, não fonêmico [´] que cai sempre na última sílaba excetuado quando a palavra termina com o sufixo /-na/ *nominalizador*. Neste último caso, o acento cai na penúltima sílaba. Em palavras de três sílabas, a primeira sílaba recebe um acento secundário [ˊ]. Palavras com quatro e cinco sílabas recebem o acento secundário na segunda sílaba.

As palavras fonológicas Máku são constituídas de uma sílaba ou combinação de duas, três, quatro ou cinco sílabas. As sílabas tipo CV, CCV, CVC, ocorrem em qualquer ordem entre si mas sempre seguem as sílabas V e VC que ocorrem somente em princípio de palavra. Palavras de uma sílaba são constituídas somente da sílaba tipo CV. Exemplos :

/pi/ nariz dêle, /le/ êle cai, /itse/ coletivo, /uʔxi/ outro, /tate/ eu ando, /laʔa/ não, /waytse/ êles, /tekene/ nós, *inclusivo*, /elukya/ você é velho, /tekilila/ nós puxamos, /ekuduma-na/ você é bom, /kalamadana/ amarelo.

As sílabas tipo V e CV recebem uma vogal longa como ápice silábico, quando ocorrem em posição inicial de uma palavra fonológica de duas sílabas. Quando a sílaba inicial tipo V (e raramente o tipo CV) recebe o acento secundário (em palavras de três sílabas), a vogal em fala não rápida, é impressionavelmente quase idêntica a uma vogal longa. Exemplos :

/une/ [o:né] mãe /line/ [li:né] pedra, /eline/ [è:liné] a tua pedra, /ikilo/ [i:kiló] caminho, /kuskexa/ [kù:skešá] está vendo.

Algumas palavras de duas sílabas, quando ocorrem em posição final no grupo de pausa (21), apresentam características

(21) — Para uma descrição de níveis fonológicos superiores ao da "Palavra Fonológica", assim como grupo de força, grupo melódico, contôno, grupo de pausa, discurso, etc., campo novo e pouco explorado de lingüística descritiva, uma ulterior investigação seria necessária.

tonais que parecem distintivas em um nível hierárquico fonológico acima da palavra fonológica.

TEXTO (22)

dawule lemekü

mucura jabuti

dawule taba nebü nyakamutsa // dawule lemekü
mucura pau cortou (pass. rem.) mucura jabuti

kulalawa penenya // nukuda na?me patena / lemekü
gaiola-na pôs (pass.) um chuva tempo (inverno) jabuti

du sekehanya // dawule sekedani / lemekü
fome aguentou mucura tira-o-fora jabuti

epanaytsu dani nyamutsa // lemekü dawule kulaluwa
saiu fora (pass. rem.) jabuti mucura gaiola-na

penenya // nukuda ke?lya / dawule du sekehanya //
pôs um dia mucura fome aguentou

lamāmu lemekü kuske patenya / dawule kinubanya //
manhā-cedo jabuti ver foi mucura morreu

etsiwa lemekü ximanya / dawule kinuba maka //
então jabuti achou-graça mucura morta estava

A MUCURA E O JABUTI

A mucura cortou um pau e fez uma gaiola. A mucura pôs o jabuti na gaiola e ele passou um ano sem comer. A mucura tirou o jabuti e ele saiu fora. Por sua vez, o jabuti pôs a mucura na gaiola, mas ela passou um dia sem comer e no outro dia cedo, quando o jabuti foi ver, estava morta. O jabuti achou graça.

(22) — O texto está escrito fonêmicamente. Duas barras oblíquas // significam pausa. Uma barra oblíqua / significa pausa breve.

SUMMARY

The Máku of Upper Uraricuera and Uaris Rivers (Territory of Roraima — Brazil) were a hunting and gathering tribe with little agriculture and of unknown linguistic affiliation. Research done in March-April 1964, under the auspices of the Museu Paraense Emilio Goeldi, found only three speakers of the Máku language.

The phonology is presented in three hierarchical levels: Phoneme, Syllable and Phonological Word. The Máku phonemes are: p, t, k, ʔ, b, d, ts, s, x, h, l, m, n, w, y, i, ü, e, a, u, ɨ. Nasalization is phonemic and can occur with all the vowels. Palatalization occurs with all the stops except /ʔ/, and with /h/, /n/, and /l/. Labialization occurs only with /k/ and /l/. There is a non-phonemic phonetic phenomena of length occurring with the vowels. There are five syllable patterns: V, VC, CV, CVC, CCV. The first two patterns occur only in word initial position. Phonological words consist of one, two, three, four or five syllables, and are characterized by a stress-juncture complex.

The phonology is preceded by an introduction containing an historical background, some cultural traits and the kinship system of the Máku.

BIBLIOGRAFIA CITADA

ALMADA, MANUEL DA GAMA LÔBO DE

- 1861 — Descrição relativa ao rio Branco e seu território (1787). *Revista trimestral do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, XXIV. Rio de Janeiro.

CÂMARA JR., JOAQUIM MATTOSO

- 1959 — Princípios de lingüística geral. *Biblioteca Brasileira de Filologia* N.º 5. Rio de Janeiro.

DUPOUY, WALTER

- 1954 — The Indian in the map of Venezuela. *Boletim Indegenista*, N.º 4, México.

GALVÃO, EDUARDO

- 1960 — Áreas culturais indígenas do Brasil, 1900-1959. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Antropologia N.º 8, Belém, Pará.

GHEERBRANT, ALAIN

- 1954 — Journey to the far Amazon. Simon and Schuster, New York.

KOCH-GRÜNBERG, THEODOR

- 1906 — Die Maku. *Anthropos* I, Salzburg.
1917 — Von Roraima zum Orinoco, Ergebnisse einer Reise in Nord-Brasilien und Venezuela in der Jahren 1911-1913. Tomo IV, D. Reimer, Berlin.

MACGILLIVRAY, WILLIAM

- 1836 — The travels and researches of Alexander von Humboldt in 1799. Oliver and Boyd, Edinburgh.

MIGLIAZZA, ERNESTO

- 1964 — Notas sobre a organização social dos Xiriâna do rio Uraricaá. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Antropologia N.º 22, Belém, Pará.

MURDOCK, GEORGE PETER

- 1951 — Outline of South American Cultures. *Behavior Science Outlines* vol. II. Published by *Human Relations Area Files*, Inc. New Haven.

RIBEIRO, DARCY

- 1957 — Culturas e línguas indígenas do Brasil. *Educação e Ciências Sociais*. Vol. 2, N.º 6, Rio de Janeiro.

RICE, HAMILTON

- 1937 — Exploration en Guyane Brésilienne (1924-1925). Paris.

RODRIGUES, ALEXANDRE FERREIRA

- 1885 — Diário de viagem philosophica pela Capitania de São José do rio Negro (1785-86). *Revista trimestral do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brasil*, Tomo XLVIII, Rio de Janeiro.

RONDON, CANDIDO M. S .

- ms. Tribo Maco (rio Branco), Vocabulário manuscrito. Arquivo da Comissão Rondon e inspeção de Fronteiras. Rio de Janeiro. (inédito).

SAMPAIO, FRANCISCO XAVIER RIBEIRO DE

- 1825 — Diário da viagem (Capitania S. José do rio Negro), 1774-1775. Typ. da Academia, Lisboa.

SCHOMBURGK, ROBERT HERMANN

- 1841 — Reisen in Guiana und Orinoco waehrend der Jahre 1835-1839. Leipzig.

- 1841a — Twelve views in the interior of Guiana, from drawings executed by Mr. Charles Bentley, with descriptive letter-press by R. H. Schomburgk. Ackermann and Co. London.

WILBERT, JOHANNES

- 1963 — Indios de la region Orinoco-Ventuari. *Monografia N.º 8, Fundacion La Salle de Ciencias Naturales*. Editorial Sucre C. A., Caracas.

SOBREVIVENTES "MÁKU" ACHADOS NO TERRITÓRIO DE RORAIMA (MARÇO, 1964)

NOME	SEXO IDADE	ESTADO CIVIL	LUGAR DE NASCIMENTO	DOMICÍLIO	OCUPAÇÃO	LÍNGUAS QUE FALAM	OBSERVAÇÕES
Sinfrônio	M 45	Viúvo	Alto Uraricuera	Mal. Mangueira Boa Esperança	Braçal fazenda e roça	Máku e pouco Português	Foi criado, até 13 anos na sua maloca de onde passou para fazenda Boa Esperança
Maria	F 50	Viúva	Alto Uraricuera	Boa Esperança Mal. Mangueira	Braçal fazenda e roça	Máku e pouco Português	Mora com Sinfrônio (seu irmão)
Conceição	F 13	Solteira	Boa Esperança	Mal. Mangueira Boa Esperança	Braçal fazenda e roça	Português	Mora com Maria (sua mãe)
Júlia	F 40	Casada	Alto Uraricuera	Rio Surumu	Braçal roça	Máku-Português	Irmã de Sinfrônio e deixada do marido Makuxí
José	M 25	Casado	Furo Maracá	Rio Cotingo	Braçal fazenda e garimpo	Português	Sobrinho de Sinfrônio e ca- sado com Makuxí
Avelino	M 30	Solteiro	Furo Maracá	Boqueirão e minas do Ter.	Braçal garimpo e fazenda	—	Surdo-mudo, sobrinho de Sinfrônio
Máku	M 35	Solteiro	Santa Rosa	Boa Vista	Mendigo reca- deiro	Português (pouco)	Débil mental
Moacir	M 25	Casado	Rio Uraricaá	Alto Uraricaá	(caça-pesca- coleta)	Xiriâna	Casado com Xiriâna. O pai de Moacir passou a morar com os Xiriâna em 1935, era cunhado de Sinfrônio
Kaxira	F 20	Casada	Rio Uraricaá	Alto Uraricaá		Xiriâna	Irmã de Moacir e casada com Xiriâna
Iwazoló	F 45	Casada	Alto Uraricuera	Rio Mucajá		Xirianá e Máku (pouco)	Casada com Kasrapai (Xi- rianá). Quando mais nova era casada com Máku, morto pelos Kasrapai na cachoeira Kulekuleima.

OBS.: — Sòmente os dois últimos nomes são originais.

